



O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO CENÁRIO DO ACESSO ABERTO

Ariadne Chloe Furnival e Luzia Sigoli Fernandes Costa

Departamento de Ciência da Informação – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Brasil

RESUMO

O referencial teórico de um estudo que visa levantar os principais atributos do papel do bibliotecário no cenário de acesso aberto na América Latina é descrito, com outro objetivo de aferir as repercussões da crescente predominância da paisagem digital na estruturação da formação destes profissionais. Numa posterior etapa empírica, o objetivo do estudo será o de identificar as percepções de bibliotecários – inicialmente no Brasil – tanto em relação aos atributos profissionais requeridos por estes papéis quanto a sua avaliação da formação profissional como preparativo por tais papéis. A premissa principal do estudo é que, devido a seus conhecimentos acumulados nas dimensões técnicas, éticas e legais do trabalho informacional, os bibliotecários assumirão a liderança de projetos na arena de repositórios digitais.

Palavras-Chave: Acesso Aberto; Repositórios Institucionais; Ensino de Biblioteconomia; Perfil Profissional; Disseminação da Informação.

ABSTRACT

The theoretical framework of a study that aims to trace the main attributes of the role of the librarian in the open access scenario in Latin America is here described, with the further aim of gauging the repercussions of the increasing predominance of the digital landscape on the training and education of these professionals. In a later empirical stage, the aim is to identify the perceptions of librarians - initially in Brazil - both in relation to the required professional attributes for these roles and in their assessment of the relevance of their professional education in preparation for such roles. The premise of the study is that, due to their accumulated know-how in the technical, ethical and legal dimensions of information work, librarians will assume the leadership of projects in the digital repository arena.

Keywords: Open Access; Institutional Repositories; Professional Profile; Librarianship Teaching; Information Dissemination.

1 INTRODUÇÃO

O acesso aberto é um movimento iniciado, principalmente, por acadêmicos e para a comunidade acadêmica, visando uma abertura do acesso à informação científica gerada nas universidades do mundo todo. Neste movimento, os cientistas-autores são encorajados a publicar em revistas científicas que usam a modalidade

de acesso aberto para disseminar o seu conteúdo – conhecido como “a via dourada” de acesso aberto, ou depositar cópias dos seus artigos – em formato de *pre-print* ou *postprints* em Repositórios Institucionais (RIs) ou repositórios disciplinares – conhecido como “a via verde” de acesso aberto. O acesso aberto beneficia a comunidade acadêmica porque potencializa o aumento de citação dos seus artigos publicados.

No entanto, o acesso aberto também potencialmente beneficia o público em geral e o setor privado no sentido que a maior disponibilidade e acesso fácil, pela Internet, a ciência produzida local, nacional e internacionalmente, pode ajudar a inovação e ampliar a compreensão pública da ciência. Este último, por si só, repercute em vários benefícios para a sociedade como um todo. O argumento moral para o acesso aberto é de que a ciência é um bem público, e, freqüentemente, é gerada com financiamento público.

Diante desses argumentos apropriadamente abordados na hoje extensa literatura sobre acesso aberto, o presente artigo pretende delinear os pressupostos teóricos que estruturam o arcabouço de um estudo a ser iniciado sobre o papel do bibliotecário neste cenário de acesso aberto e o perfil desejável para este profissional. Neste primeiro momento, o enfoque será na atuação do profissional no âmbito de repositórios e bibliotecas digitais – a via verde de acesso aberto – pretendendo em momento posterior que a pesquisa abranja, também, a inserção do profissional bibliotecário no panorama da editoração de revistas em acesso aberto - a via dourado.

Para tal finalidade, abordamos primeiramente os temas relacionados ao emergente profissional de informação “misto” – o chamado “*blended librarian*” no inglês – um perfil do profissional que emerge no contexto de serviços de informação cada vez mais convergidos com aqueles de informática e de ensino-aprendizagem em ambientes virtuais, cuja atuação, frequentemente, ocorre no contexto de novos arranjos físicos do espaço da biblioteca denominados as *Information Commons*. Simultânea e concomitantemente a esses movimentos se dá o rápido crescimento do estabelecimento de repositórios digitais institucionais e a criação de bibliotecas digitais¹. Movimento este que tem exigido da profissão bibliotecária desde uma rápida “reciclagem” e atualização relâmpago de suas habilidades, adaptação para aplicar conhecimentos bem estabelecidos no campo de catalogação para

metadados e Dublin Core até, inclusive, habilidades para o empreendedorismo e para exercer liderança gerencial em projetos de repositórios e bibliotecas digitais. No contexto das competências profissionais sinalizadas para tais desempenhos, pretendemos levantar alguns pontos sobre o que entendemos que seja necessário para o ensino deste novo profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Estamos hoje testemunhando uma vertiginosa convergência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em nossos próprios bolsos: “[...] o aparelho que era antes apenas um telefone no bolso, agora – de tamanho, um dispositivo um pouco maior – é um computador portátil com uma interface intuitiva de “*touch screen*” do qual o usuário acessa seu *email*, conta bancária, assiste a filmes, usa jogos, ouve músicas e muito mais” (FURNIVAL; GRACIOSO, 2011). Com estas novas configurações das TICs, as fronteiras entre trabalho/casa, hardware/software e acesso à/produção da informação, se tornam cada vez mais nebulosas.

2.1 A Emergência do *Blended Librarian*

O bibliotecário tem sentido o impacto da convergência das tecnologias para os serviços e produtos de informação mais intensivamente desde os anos 90 do século vinte sendo que, no âmbito das bibliotecas acadêmicas especialmente, falava-se em “bibliotecas híbridas”, no qual os profissionais de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) têm que enfrentar o desafio de administrar a oferta de produtos e serviços numa mistura de formatos e mídias. O conceito de “biblioteca híbrida” foi definido por Rusbridge (1998 *apud* BROPHY, 2005, p.51) como sendo:

[...] projetada para reunir um espectro de tecnologias de fontes distintas no contexto da biblioteca, e também de iniciar a exploração de sistemas e serviços integrados em ambos os ambientes eletrônicos e impressos. A biblioteca híbrida deveria integrar o acesso a todos [...] os tipos de recursos [...] utilizando diferentes tecnologias do mundo de bibliotecas digitais, e através de mídias diferentes.

Neste contexto, da mistura do modelo tradicional (impresso) com o eletrônico (BROPHY, 2005), muitas bibliotecas (e especialmente as acadêmicas) passaram por processos de *convergência* de serviços de biblioteca com aqueles da informática. O

movimento nesta direção também se tornou natural com a crescente imbricação (*embeddedness*) da informática com o ensino-aprendizagem, tanto pela expansão da educação à distância (EaD) quanto pela crescente tendência de professores fazerem uso de ambientes virtuais de ensino e aprendizagem (AVEAs – no inglês, *Virtual Learning Environments* - VLEs) em cursos presenciais². Frequentemente, os espaços físicos das bibliotecas acadêmicas têm sido vistos como o espaço natural para hospedar a infra-estrutura física das AVEAs, e em vários países (incluindo o Brasil), os bibliotecários colaboram como co-tutores e professores assistentes em módulos de disciplinas oferecidas nestes ambientes, sobretudo no que diz respeito ao ensino dos conteúdos de letramento informacional (*information literacy*) (ARP *et al.*, 2008). Esta tendência já havia instigado Bell e Shank, em 2004, a denominar o profissional de informação e bibliotecário que atua em tais contextos como *blended librarian* – “bibliotecário misto”, que seria uma espécie de:

[...] bibliotecário acadêmico/universitário que combina o conjunto tradicional de habilidades de biblioteconomia com aquelas habilidades de *hardware* e *software* do tecnólogo de informação e a capacidade do projetor (*designer*) instrutorial e educacional em aplicar a tecnologia de modo apropriado ao processo de ensino-aprendizagem (BELL; SHANK, 2004).

Como Corral (2010) enfatiza, Bell e Shank queriam apontar que este profissional “misto” (*blended*) consegue fazer mais de que “multitarefa”: consegue “[...] combinar uma variedade de habilidades interpessoais com novos modos de pensar” (BELL; SHANK *apud* CORRAL, s/d). Essa prática profissional mista tem seu reflexo acadêmico no campo da “informática educacional” (*educational informatics*) e está situada “na interseção da BCI, educação, ciência da computação e tecnologias da comunicação, auxiliando no estabelecimento das relações entre as pessoas, informação, TICs, aprendizagem e prática profissional (LEVY *et al.*, 2003 *apud* CORRAL, 2010).

Em consonância com as reconfigurações tecnológicas de ambientes de ensino e aprendizagem, as bibliotecas vêm sendo o *locus* preferido de tais ambientes. Muitas delas têm mudado sua imagem física para algo mais dinâmico e contemporâneo. Como exemplo dessas mudanças pode ser citada a predominância de *workstations* e empréstimo de *notebooks* para uso dentro da biblioteca; algumas delas, inclusive, estão mudando a sua denominação para *Information Commons* ou *learning grid* (que livremente traduzem para “praça pública de informação” e “rede de

aprendizagem”). O profissional “híbrido” de informação se enquadra neste contexto: Garrod (*apud* CORRALL, 2010) observa que esta noção ganha força na medida em que os gestores de bibliotecas “[...] se dão conta de que o ambiente informacional em rede chegou para ficar, e uma nova espécie de profissional de informação é necessário para dar apoio a ele” (*realise the networked information environment is here to stay, and a new breed of information professional is needed to support it*). Assim, a expansão da paisagem de acesso aberto à informação digital, principalmente via repositórios e bibliotecas digitais, “a via verde”, constitui um campo exemplar de atuação deste profissional e, ao mesmo tempo, traz novas exigências no âmbito de sua formação. Algumas delas sinalizadas nas discussões sobre o “[...] moderno profissional da informação”, momento em que se faz alerta para a mudança de foco no sentido de se abandonar a tradicional ‘*reservas de mercado profissional*’ e se investir em ‘competência e ética profissional’ (GUIMARÃES, 1997).

2.2 Formas de Acesso Aberto no Mundo Digital

Tradicionalmente, e de modo geral, o profissional de informação e os bibliotecários têm trabalhado em prol do acesso à informação e conhecimento, embora esta dimensão “democratizante” da profissão seja mais clara nas bibliotecas públicas e escolares. Mesmo assim, os bibliotecários que atuam em bibliotecas universitárias, no mundo todo, têm aderido ao movimento de acesso aberto às publicações científicas. Um dos motivos para tal adesão dos bibliotecários universitários é que sempre ocuparam a “frente da batalha”, tomando decisões sobre as consequências da chamada “crise de preços das revistas seriadas” (*serials pricing crisis*), cujas consequências às vezes têm implicado na insatisfação grupos de usuários, principalmente, quando a assinatura de certos títulos é suspensa (SUBER, 2003).

Entende-se por literatura em “acesso aberto” aquela literatura que é “[...] digital, online, livre de custo e livre da maioria das restrições de copyright e licenciamento” (SUBER, 2004). A literatura hoje abundante sobre o assunto aponta os dois caminhos principais para atingir o acesso aberto: um como sendo a “via dourada”, que é constituído por revistas fornecendo total acesso livre a seu

conteúdo³ e o outro a “via verde”, composta pelos arquivos abertos ou repositórios, sejam estes institucionais ou temáticos. Há, ainda, uma “via híbrida”, que se refere às revistas científicas que adotaram um modelo econômico que oferece, aos autores, a opção de publicar em acesso aberto aos autores, se estes (ou seus órgãos de fomento à pesquisa) pagam uma taxa para cobrir as despesas de publicação.

Peter Suber (acadêmico considerado como um dos fundadores do movimento de acesso aberto no mundo) realça que os repositórios, ou arquivos abertos:

[...] não desempenham a revisão por pares, mas simplesmente fazem seu conteúdo livremente disponível ao mundo. Podem conter *preprints* não revisados pelos pares, *postprints* revisados por pares, ou ambos. Arquivos podem pertencer a instituições, como universidades e laboratórios, ou a disciplinas, como a física ou economia (SUBER, 2004).

Walters (2007) discrimina uma extensiva lista de tipos de objetos que um RI pode conter, incluindo relatórios anuais, programas computacionais, *papers* de congressos, conjuntos de dados brutos, objetos de aprendizagem, modelos e simulações, séries de palestras e aulas, anais, relatórios de pesquisa, *pre-prints* e *post-prints*, relatórios de pesquisas em andamento, relatórios técnicos, páginas web, documentos oficiais. Lynch (2003) enfatiza que o RI também desempenha o papel de preservação dos ativos digitais (*digital assets*) da instituição, de tal forma que: “É mais essencialmente um comprometimento organizacional para com a guarda e curadoria (*stewardship*) destes materiais digitais, incluindo a preservação de longo prazo quando apropriado, além da organização e acesso ou distribuição.”

Outro protagonista/proponente importante no mundo de acesso aberto é Steven Harnard, que também enfatiza, repetidas vezes, que os repositórios digitais institucionais e disciplinares não concorrem com a publicação científica tradicional, mas vêm a *complementar* a publicação científica, oferecendo vários outros serviços e vantagens para os autores-pesquisadores, as instituições dos autores e, evidentemente, o público. Há um corpo substancial de literatura que sustenta o argumento – com base em pesquisas bibliométricas realizadas – que os autores se beneficiam de vantagem de citações dos seus trabalhos se forem disponíveis em acesso aberto (o chamado “Open Access Citation Advantage” - OACA).

Outra vantagem de tom mais “pragmático” para muitos autores que mantêm suas *webpages* pessoais é que o repositório digital institucional constitui um único

lugar para armazenar os produtos de pesquisa, que pode ser vinculado via um *feed* à página web pessoal do autor, sem que este tenha que se preocupar com o armazenamento e preservação dos seus artigos e relatórios. Evidentemente, que esta vantagem é válida tanto para o autor, quanto para a instituição do autor-pesquisador, pois esta ganha maior visibilidade na web se os *papers* científicos se encontram no repositório mantido pela instituição: o repositório. Nesse sentido, o repositório se torna uma verdadeira “vitrine” da produtividade científica da instituição. Isto ajuda, no mínimo, a atrair futuros candidatos aos cursos de pós-graduação e, também, de graduação. Nesse contexto, cabe a responsabilidade da instituição, e não os autores individuais, lidar com os problemas de preservação digital, migração de arquivos em formatos digitais, armazenamento e segurança. Os ganhos para a instituição também incluem a possibilidade dela gerar produtos administrativos – indicadores, dados, relatórios – que contribuem para avaliação, planejamento estratégico e tomada de decisão institucional. A integração de dados atualizados permite maior facilidade, na medida em que passa a não depender de pesquisadores individuais enviarem dados sobre sua produtividade, e o mais importante, é que a preservação no tempo dos *papers* produzidos enquanto um pesquisador for um servidor de uma determinada instituição fica sob o controle da instituição e não apenas das editoras das revistas científicas. Assim, os ganhos indistintamente para o público, em geral, e para o setor privado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos adotados se pautam, basicamente, em levantamento e revisão da literatura nacional e principalmente internacional recente. Foram realizados levantamento dos dados preliminares acerca dos RIs e bibliotecas digitais existentes na América do Sul visando delinear o universo e a da amostra que será utilizada para a aplicação da de uma enquete.

A elaboração de uma enquete (previamente testada num estudo piloto) será aplicada *online* (p.ex. utilizando o *software* comercial para enquetes, “SurveyMonkey”) entre os bibliotecários e profissionais de informação, identificados como sendo os responsáveis pelos RIs e bibliotecas digitais na América Latina. As perguntas da enquete visam investigar: a formação do profissional (ou dos

profissionais) responsável pelo RI na instituição; o rol de atividades que constitui o cargo - p.ex. políticas e estratégias de preservação, promoção/*advocacy*, definição das políticas do RI sobre conteúdos, qualidade, versões, critérios de descarte, migração de formatos, elaboração dos metadados, definição dos fluxos de trabalho relativos ao depósito, entre outros. O conjunto de habilidades identificado pelo projeto SHERPA, e discutido em mais detalhe a seguir, considerado como sendo desejável para o profissional será a base da estrutura da enquete. Parte-se do pressuposto de que a sua formação o preparou suficientemente para o cargo. Sendo assim, serão identificados quais elementos da formação mais contribuem para a aquisição das habilidades necessárias para o novo perfil profissional.

4 RESULTADOS PARCIAIS

Em face as configurações que se desenham no cenário da TICs, favorecendo a expansão da criação dos RIs e o lançamento de revistas de acesso aberto, tendo o bibliotecário como um dos principais protagonistas, torna evidente a necessidade de se investir na pesquisas que possam melhor explicitar os conteúdos ou elementos exigidos para a sua formação acadêmico-profissional.

4.1 O Crescimento de Repositórios e Revistas em Acesso Aberto

Recentemente, foi divulgado que tem havido um crescimento marcante na criação de repositórios digitais no mundo – um por dia de expediente nos últimos três anos (SWAN, 2011, p.4). Os dados colhidos pelo serviço OpenDOAR (Directory of Open Access Repositories) do Projeto SHERPA, Tabela 1, ilustram concretamente este crescimento de repositórios no mundo:

Tabela 1 – Crescimento do número de repositórios no mundo.

Data	Número de Repositórios no Mundo
10/05/2011	1.952
08/12/2010	1.800
17/12/2009	1.500
12/11/2008	1.200
06/11/2007	900
04/09/2006	600
22/03/2006	300

Fonte Adaptada: OpenDOAR.

De acordo com os dados de OpenDOAR, acessados no dia 10 de maio de 2011, a América do Sul possui 6,5%, representado por 127 repositórios, do número total de 1.952 repositórios hoje existentes no mundo. A distribuição desses repositórios, por país, na América do Sul, segundo dados do OpenDOAR, Tabela 2, é assim constituída:

Tabela 2 – Distribuição do número de repositórios na América do Sul.

Países	Número de Repositórios
Brasil	51
Colombia	16
Argentina	14
Equador	14
Peru	11
Venezuela	10
Chile	10
Bolívia	2
Paraguai	1
Uruguai	1

Fonte: OpenDOAR

No que diz respeito ao crescimento de revistas em acesso aberto, também tem sido marcante na América do Sul e, especialmente, devido à propagação da plataforma e iniciativas do SciELO. O Brasil está ranqueado em segundo lugar mundial no *Directory of Open Access Journals* (DOAJ). Em termos do número de revistas em acesso aberto publicada. Essa posição é representada pelas 592 títulos revista, disponíveis em 2011, sendo em primeiro lugar do ranque estão os EUA com 1.228 títulos de revistas eletrônicas de acesso aberto. Sendo que, em 2003, havia apenas oito revistas em acesso aberto no Brasil. Em 2011, a situação dos países da América do Sul, em relação às revistas em acesso aberto, aparece configurada de acordo com a Tabela 3:

Tabela 3 – Distribuição do número de revistas de acesso aberto na América do Sul.

Países	Número Revistas de Acesso Aberto
Brasil	592
Colombia	127
Chile	123
Argentina	87
Venezuela	82
Peru	18
Uruguai	4
Bolívia	3
Equador	2
Paraguai	1

Fonte: DOAJ.

Os dados apresentados demonstram o rápido crescimento do número de repositórios institucionais/digitais e, sobremaneira, o número de revistas de acesso aberto e mais do que isso, o exponencial crescimento apresentado pelo Brasil em relação aos demais países da América do Sul.

4.2 Atribuições do Profissional em Acesso Aberto

Numa pesquisa online realizada no Reino Unido entre Julho e Setembro de 2010, foi constatado que 78.6% de funcionários que trabalham com repositórios digitais tem experiência e formação em biblioteconomia, resultado semelhante a uma pesquisa do setor realizada na Austrália em 2009 (Wickham, 2010). A maioria dos recursos humanos dos repositórios digitais pesquisados no Reino Unido (onde há 189 repositórios) combina as atribuições do trabalho no repositório com outras: Wickham (2011) levantou que 23,6% dos seus respondentes trabalham até metade de um dia no repositório, enquanto 14,5% trabalham entre 3 a 4 dias no repositório. Não trabalham sozinhos no repositório, sendo que a maioria (73,8%) trabalha em equipes.

O crescimento marcante da criação de repositórios e bibliotecas digitais tem suscitado a necessidade de delinear as atribuições, qualidades e habilidades dos profissionais procurados para trabalhar nesta “profissão emergente” (WICKHAM, 2011). É consenso na comunidade que há três vertentes principais ao trabalho em repositórios e bibliotecas digitais (WICKHAM, 2011):

- Gestão de repositórios (*repository management*) que engloba a gestão estratégica e financeira, comunicação e promoção (*advocacy*), gestão de *staff* e projetos, e consultoria especialista à instituição;
- Trabalho técnico que abrange todo o conhecimento e experiência das plataformas de *software* de repositórios, implantação, testagem, atualização e possível desenvolvimento do *software*, ou de *add-ons*;
- Administração do repositório, que abarca a inclusão dos registros, checagem dos metadados e do *copyright*.

- Choi e Rasmussen (2006) denominam este último conjunto de atividades como sendo aquelas mais relacionadas às aquelas de Biblioteconomia (“library related”).

No Reino Unido, o projeto SHERPA, junto com a *Joint Information Systems Committee* (JISC), detalhou estas vertentes, associando a eles oito conjuntos de habilidades mais específicas do pessoal que trabalha no setor. Por exemplo, no grupo de habilidades referentes aos **metadados**, é especificado que o profissional deveria ter:

- familiaridade com:
 - Os padrões relevantes de metadados incluindo (mas não restrito a) Dublin Core, MARC, METS, MODS, OAI-PMH, OAI-ORE
- capacidade de:
 - identificar ou desenvolver os metadados apropriados e outros padrões;
 - intermediar e testar a implementação com a equipe de catalogação, quando apropriado;
 - garantir o cumprimento (*compliance*) e monitorar a qualidade dos metadados continuamente (SHERPA, 2008, p.3).

No conjunto de atividades relativo ao **conteúdo** do repositório/biblioteca digital, o profissional deveria ter:

- familiaridade com:
 - questões de DPI relevantes (Direitos de Propriedade Intelectual) para a aceitação de material para alimentar o repositório e fornecer conselhos sobre tais questões;
- capacidade de:
 - criar uma política de conteúdo do repositório para incluir (mas não restrito a) os tipos de materiais que podem ser depositados;
 - como os diferentes tipos de materiais deveriam ser gerenciados dentro do repositório;
 - como serão gerenciados os materiais ainda sob embargo (da Editora);
 - aumentar a quantidade e qualidade de itens depositados no repositório, pela identificação de publicações relevantes para depósito, checando as páginas web de pesquisadores individuais e de

departamentos, e acompanhando novas áreas de pesquisa na instituição;

- encorajar os autores de publicações a depositar seu trabalho;
- explicar aos autores os passos de autodepósito/autoarquivamento ou onde há depósito mediado, solicitando arquivos de autores para conversão aos formatos apropriados para o depósito (p.ex. Word para PDF) e depositar no repositório para o autor (SHERPA, 2008, p.3).

Como se vê várias das atribuições discriminadas abaixo do subtítulo “Conteúdo” se referem à comunicação com os pesquisadores-autores. De fato, a capacidade de desempenhar tal tipo de “promoção” corpo-a-corpo, de acesso aberto e dos repositórios institucionais tem sido identificada com a habilidade principal necessária ao profissional que for trabalhar na área. Por exemplo, Wickham (2011) analisou o texto dos resultados da sua enquete com Wordle (<http://www.wordle.net/>), e na nuvem de palavras gerado, ficou destacada a palavra “comunicação”. Já se sabe que os bibliotecários precisam estar sempre refinando suas competências comunicacionais para trabalho em equipes, sobretudo para negociações e trabalhos com o pessoal das TICs e no contexto universitário, com docentes e pesquisadores. O trabalho com o RI – e, sobretudo, a promoção do uso dele – exigirá um aprimoramento específico de tais competências comunicacionais.

4.3 O Papel do Bibliotecário na Promoção do Acesso Aberto e do Uso de RI

O conjunto de atividades que promovem o repositório junto à comunidade de pesquisadores e outros atores (*stakeholders*) que se beneficiarão dele é denominado, no inglês, “advocacy”, pois aqueles que fazem tal promoção se tornam verdadeiros “advogados da causa” de acesso aberto. A ênfase hoje nessas atividades de *advocacy* se deve ao fato que os aspectos técnicos relativos aos repositórios e bibliotecas digitais já têm sido majoritariamente resolvidos, não menos porque há fãs ávidos de acesso aberto entre as comunidades do pessoal técnico – como sempre tem sido o caso em relação à internet em geral. Existe um gargalho de ordem cultural em relação ao desenvolvimento pleno de RIs que tem sido identificado como a falta de depósito de material, sobretudo quando referindo-se ao

auto-arquivamento realizado pelos próprios pesquisadores. Uma cifra que tem se mantido relativamente estável ao longo dos anos da existência dos RIs é que apenas em torno de 15% dos 2,5 milhões de artigos científicos publicados anualmente são auto-arquivados por seus autores (BJÖRK *et al.*, 2008; HAJJEM *et al.*, 2005).

No uso anglo-saxônico do termo, a *advocacy* significa recomendar, esposar, e pleitear para certa posição, argumento ou grupo, usualmente representando os interesses daquele grupo. Em relação ao uso dos RIs e a adoção de práticas de publicação em acesso aberto, o trabalho de *advocacy* precisa acontecer em dois níveis. Em pesquisas sobre hábitos de consumidores, Verplanken e Wood (2006) identificaram atividades de *advocacy* a **jusante** e (*downstream*) de *advocacy montantes* (*upstream*). As primeiras atividades focam principalmente em chamar a atenção a, explicar, esclarecer dúvidas sobre as novas práticas de comunicação científica. Tais iniciativas – frequentemente na forma de campanhas informacionais – enquadram o “receptor” da mensagem como acima de tudo um indivíduo que atua num contexto no qual pode tomar decisões de modo racional ao receber a nova informação, como se fosse livre de outros fatores influentes do contexto no qual trabalha. Mas o ambiente institucional e suas demandas talvez induzam outros hábitos e práticas que não vão ao encontro das mensagens de campanhas: por exemplo, no caso de um pesquisador científico, a comunidade científica é incentivada a atribuir maior prestígio e reconhecimento à publicação primeiramente em revistas científicas consagradas e usualmente exclusivamente acessada via assinatura. A busca por tal reconhecimento é encorajado pela instituição do pesquisador, que fomenta um “contexto do desempenho do hábito” (*habit performance context*) por meio de “deixas” simbólicas (e às vezes, incentivos de progressão) no contexto institucional que perpetua velhos e conhecidos hábitos.

Para Verplanken e Wood (2006), os programas de *advocacy montantes* que têm como sua meta as ações institucionais que mudam o contexto, serão mais efetivos em suscitar a desejada ruptura com os hábitos convencionais que são profundamente arraigados na cultura da instituição. O trabalho de *advocacy montante* do tipo político, *networking* e *lobbying* – com os protagonistas-chave como administradores, pró-reitores, representantes das agências de fomento à pesquisa, políticos – que vise atingir mudanças estruturais de mais longo prazo e mais

aprofundadas, institucional e inter-institucionalmente, é cada vez mais entendido como a forma de avançar no domínio de publicação em acesso aberto e RIs. Para Verplanken e Wood (2006, p.95-6), a *advocacy* montante focaliza:

[...] as condições infraestruturais maiores nas quais os comportamentos das pessoas são incorporados. Assim, as intervenções montantes podem consistir em incentivos econômicos, legislação, ou mudanças estruturais no ambiente de desempenho (*performance environment*). Estas intervenções visam fornecer contextos e estruturas sociais que promovam e sustentem o comportamento desejado.

Tais ações montantes, acionando o apoio de atores institucionais em posições estratégicas, devem acontecer ao lado de iniciativas jusantes, do tipo campanhas informacionais. No entanto, é de consenso para que o acesso aberto vingue, “[...] apenas os *folders* de informação não funcionam, não importa o quão chamativos sejam”⁴.

Sendo que, na maioria das vezes, a responsabilidade operacional pelos repositórios institucionais (RIs) repousa nas bibliotecas, que também frequentemente lideram os projetos de implantação de RI⁵, e se tornam responsáveis pela promoção e uso do RI. Antes, inclusive, do surgimento das bibliotecas digitais e repositórios, o profissional de bibliotecário tem tido a necessidade de engajar em atividades de promover e “advogar pelas” atividades, produtos e serviços que a biblioteca oferece. Ghosh (2011) cita Keresztury (2005) que elaborou uma lista de dez dicas para atingir o sucesso nas campanhas de “library advocacy”⁶, e também aponta para a existência de outros artigos, documentos e atividades profissionais internacionais sobre o tema de *advocacy* em geral para a profissão (p.ex. oficinas sobre *advocacy* na conferência IFLA em 1997; a *International Conference* em “Advocacy and Libraries”, organizada nos Países Baixos em 2008, entre outros). Também faz parte do trabalho dos “Subject Librarians” (Bibliotecários Especializados) de proativamente promover o trabalho da biblioteca com os docentes da área, de solicitar um espaço em algumas reuniões departamentais para apresentar o que a biblioteca pode oferecer aos docentes, em relação a sua área disciplinar especificamente.

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Em 1998, Spink e Cool (1999) realizaram um estudo sobre o estado d'arte do ensino de matérias relativas às bibliotecas digitais nos cursos de biblioteconomia no mundo. Esses autores então notaram que “A demanda emergente pelos bibliotecários digitais e bibliotecas digitais pode suscitar o reestruturamento dos currículos de biblioteconomia, ciência da informação e da computação”. Esses autores concluíram que há uma necessidade de ir além da oferta de algumas disciplinas em bibliotecas digitais, apontando para expandir os projetos pedagógicos dos cursos em BCI (e em Computação) para incorporar um eixo mais geral que trate de bibliotecas digitais. Pensamos que seja necessário agora averiguar, sistematicamente, se alguma ação dessa natureza tem acontecido nos cursos sul-americanos, sendo que numa primeira etapa, a pesquisa procura traçar a natureza do trabalho desempenhado no campo de repositórios e bibliotecas digitais pelo bibliotecário formado no Brasil.

Concordamos com Horwood *et al.* (2004) que os bibliotecários são muito habilitados para lidar com a organização e manutenção dos conteúdos digitais, sobretudo no que diz respeito à representação destes por meio de metadados. Também possuem os conhecimentos necessários sobre *copyright*, que deverão ser atualizados com relação aos embargos das Editoras em relação à liberação para o acesso aberto. Resta, ainda, a questão acerca da possibilidade de ensinar, em cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, os conjuntos de habilidades necessários para a promoção nos moldes de *advocacy*, para os futuros profissionais da área. A qualidade dos materiais de promoção constituirá um fator decisivo, sendo que a elaboração destes pode ser ensinada em disciplinas de *marketing*, por exemplo. Mas, também, é verdade que o sucesso nas iniciativas de *advocacy* a montante, junto aos atores chave (aquelas pessoas que influenciam as decisões políticas) dependerá substancialmente do carisma e personalidade do profissional: acima de todo, tem que possuir a habilidade de persuasão. Entendemos estas características como sendo os “ingredientes mágicos” de *advocacy* que Fiels (*apud* Ghosh, 2011, p.21) menciona. Ninguém pode ser ensinado a ser “extrovertido” para “vender o peixe” do RI, mas podemos, sim, ensinar os futuros profissionais da informação a serem sistemáticos e metódicos para proativamente elaborar estratégias de promoção e comunicação dos serviços da biblioteca em geral, e de acesso aberto e Ris especificamente. Para começar é imprescindível uma profunda

familiaridade com o tema, e o “ingrediente mágico”, uma paixão pelo acesso aberto e Ris. Frequentemente ouve-se falar em propagadores da causa como “arautos do acesso aberto”, e entendemos por isso que seja necessário reforçar, continuamente, ao longo da formação do bibliotecário, os argumentos *morais* e *éticos* a favor da promoção do acesso aberto: que o conhecimento, sobretudo aquele gerado com fundos públicos, deveria ser colocado livremente à disposição da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARP, L. et al. Faculty-Librarian collaboration to achieve integration of information literacy. **Reference & User Services Quarterly**, Jan. 5th, 2008. Disponível em: <<http://www.rusq.org/2008/01/05/faculty-librarian-collaboration-to-achieve-integration-of-information-literacy/>>. Acesso em: 9 maio 2011.
- BEATTY, S.; WHITE, P. Information commons: Models for e-literacy and the integration of learning. **Journal of eLiteracy**, v.2, p.2-14, 2005. Disponível em: <http://www.jelit.org/52/01/JeLit_Paper_16.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.
- BELL, S.; SHANK, J. The blended librarian: A blueprint for redefining the teaching and learning role of academic librarians. **College & Research Libraries News**, v.65, n.7, p.372-5, Jul./Aug. 2004. Disponível em: <<http://crln.acrl.org/content/65/7/372.full.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2011.
- BJÖRK, B. et al. Open access to the scientific journal literature: Situation 2009. **PLoS ONE**, v.5, n.6, 2010. Disponível em: <<http://www.plosone.org/article/info:doi/10.1371/journal.pone.0011273>>. Acesso em: 10 maio 2011.
- BROPHY, P. **The academic library**. London: Facet, 2005.
- BUDAPEST. **Open Access Initiative**, 2001. Disponível em: <<http://www.soros.org/openaccess/read.shtml>>. Acesso em: 14 maio 2011.
- CORALL, S. **Educating the academic librarian as a blended professional**: A review and case study. ALSR, 2010: Conference towards Future Possibilities Session 1A. Disponível em: <http://repository.lib.polyu.edu.hk/jspui/bitstream/10397/1731/1/Session1A_Corrall.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.
- DOAJ. Disponível em: <<http://www.doaj.org/doaj?func=byCountry&uiLanguage=en>>. Acesso em: 10 maio 2011.
- FURNIVAL, A. C.; GRACIOSO, L. S. M-libraries e information commons: novos espaços, novas práticas. **Geminis**, v.2, n.1, 2011. [no prelo]. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/>>.
- GUIMARÃES, J. A. C. **Moderno profissional da informação**: elementos para sua formação no Brasil. Disponível em: <<http://www.congresso-info.cu/UserFiles/File/Info/Info97/Ponencias/007.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2011
- HAJJEM, C. et al. **Open access to research increases citation impact**. Technical Report, Institut des Sciences Cognitives, Université du Québec à Montreal, 2005. Disponível em: <<http://eprints.ecs.soton.ac.uk/11687>>. Acesso em: 10 maio 2011.
- HORWOOD, L.; SULLIVAN, S.; YOUNG, E.; GARNER, J. OAI compliant institutional repositories and the role of library staff. **Library Management**, v.25, n.4/5, p.170-176, 2004.

KURAMOTO, H. Implantação de repositórios institucionais em universidades e instituições de pesquisa do Brasil: do projeto ao processo. In: GOME, M. J.; ROSA, F. (Orgs.).

Repositórios institucionais: democratizando o acesso ao conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2010. p.61-70

OpenDOAR. **Growth of the OpenDOAR Database – Worldwide.** Disponível em: <<http://www.openoar.org/>>. Acesso em: 10 maio 2011.

OTTAVIANI, J.; HANK, C. Libraries should lead the institutional repository initiative and development at their institutions - Institutional Repositories: The Great Debate. **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, v.36, n.4, Apr./May, p.17-21, 2009.

JOB Description: Digital Archive, Web and Systems Support Librarian - York St John University, Reino Unido. Disponível em: <<http://w3.yorks.ac.uk/human-resources/hr/job-opportunities/ict--library/ref-no-ld-lis28r-w/digital-archive-web--systems.aspx?menupage=391>>. Acesso em: 9 maio 2011.

RECRUITMENT toolkit for JISC digital repository projects. Disponível em: <<http://www.jisc.ac.uk/whatwedo/themes/informationenvironment/recruitment.aspx>>. Acesso em: 9 maio 2011.

SHERPA. Institutional Repositories: Staff and Skills Set, 2008. Disponível em: <<http://www.sherpa.ac.uk/documents/staffandskills2008.pdf>>. Acesso em 9 maio 2011

SPINK, A.; COOL, C. Education for digital libraries. **D-Lib Magazine**, v.5, n.5, May 1999. Disponível em: <<http://www.webcitation.org/5TP1QAWXn>>. Acesso em: 11 maio 2011.

SUBER, P. **Removing the barriers to research:** An introduction to open access for librarians, 2003. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/4616/1/acrl.htm>>. Acesso em: 9 maio 2011.

SUBER, P. **Open access overview:** Focusing on open access to peer-reviewed research articles and their preprints. 2004. Disponível em: <<http://www.earlham.edu/~peters/fos/overview.htm>>. Acesso em: 7 maio 2011.

WALTERS, T. O. Reinventing the library: How repositories are causing librarians to rethink their professional roles. **Portal: Libraries and the Academy**, v.7, n.2, p.213-225, Apr. 2007.

VERPLANKEN, B.; WOOD, W. Interventions to break and create consumer habits. **Journal of Public Policy and Marketing**, v.25, n.1, p.90-103, 2006.

ZUCCALA, A; OPPENHEIM, C; DHIENSA, R. Managing and evaluating digital repositories. **Information Research**, v.13, n.1, Paper 333, 2008. Disponível em: <<http://informationr.net/ir/13-1/paper333.html>>. Acesso em: 13 maio 2011.

NOTAS

¹ É relevante notar que a partir de 2001, no Brasil usou-se mais o termo “biblioteca digital” do que “repositório institucional” (KURAMOTO, 2010, p.61), mas em geral, os dois termos hoje são usados de modo sinônimo.

- ² A Portaria 2.253 de 18/10/2001 autoriza às IFESs a introduzirem na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos a oferta de disciplinas que, em seu todo ou parte, utilizem método não presenciais, a porcentagem permitida não pode exceder 20% do total da carga horária do curso em questão. Disponível em: <http://www.ricesu.com.br/colabora/n9/artigos/n_9/id04b.htm>. Acesso em: 17 fev. 2011
- ³ Por exemplo, as revistas hospedadas pela plataforma SciELO são exemplares do caminho dourado.
- ⁴ Paráfrase de uma conversa informal de um integrante do Repository Support Project (SHERPA, 2008). Universidade de Nottingham, Inglaterra.
- ⁵ Ottaviani e Hank (2009) observam que: “Enquanto a responsabilidade operacional por estes serviços pode ser situada em unidades organizacionais distintas em universidades distintas, um RI efetivo necessariamente representa uma colaboração entre bibliotecários, tecnólogos de informação, arquivos e gestores de registros, docentes e administradores e políticos universitários”.
- ⁶ Entre eles: “Construa dos seus sucessos existentes. Formule seus sucessos em termos econômicos e pessoais. Fomente parcerias onde possível. Construa relações. Mantenha contato com a mídia para manter a história viva. Sempre seja um chefe de torcida para a sua causa” (KERESZTURY, 2005 *apud* GHOSH, 2011).